



- Enquadramento legal –

Os trabalhos arqueológicos enquadraram-se na categoria C, alínea c), do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 164/2014 de 04 de novembro – Novo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconiza ações preventivas e de minimização de impactos integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático. Ressalva-se também o cumprimento da Lei 107/2001 de 8 de setembro (Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural), Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, Taxas e Compensações Urbanísticas do Município de Coimbra – RMUE e do Plano Diretor Municipal - PDM.

Todo o trabalho realizado pela equipa de arqueologia respeitou os termos da legislação em vigor. A ação arqueológica foi precedida da obtenção da licença junto da entidade competente e sucedida pelo envio de um documento final, entretanto aprovado.

- Equipa técnica -

Os trabalhos arqueológicos foram da responsabilidade científica da arqueóloga Joana Garcia, em corresponsabilidade com o arqueólogo Sérgio Madeira.

- Contexto do património histórico-arqueológico –

A Avenida de Conimbriga situa-se na margem esquerda do Rio Mondego, no sopé do Monte da Esperança, plenamente integrada na malha urbana da cidade.

A Ponte de Santa Clara é local de travessia privilegiado sobre o rio Mondego, junto à cidade de Coimbra, desde a época romana, uma vez que orograficamente é o sítio que potencia uma passagem que conjuga o fim das áreas de maiores declives, e inicia a zona de planura do Baixo Mondego. O assoreamento constante do rio Mondego tem obrigado a substituição das várias pontes que terão existido nesta área.

Apesar de não existirem quaisquer vestígios sobre a existência de uma ponte romana, pensa-se, por fazer parte de uma das vias mais importantes da Lusitânia, a estrada *Olisipo* (Lisboa) – *Bracara Augusta* (Braga), que os romanos não teriam deixado de construir uma ponte em *Aeminium* (ALARCÃO: 2012: 15). Para além disso, o cruzamento entre as duas margens não possuía problemas de maior que os romanos não conseguissem resolver. Essa travessia estaria implantada nas proximidades das pontes que se seguiram até aos dias de hoje (ROSSA, 2001: 57).

O estado de incúria que apresentava a ponte romana, terá levado a que no ano de 1131/1132, D. Afonso Henriques, tenha mandado reparar aquela estrutura (ALARCÃO, 2012: 19). A ponte que o 1.º rei de Portugal ordenou beneficiar, sofreu novas reconstruções parciais entre os séculos XII e XV, mantendo-se até ao tempo de D. Manuel, período em que por se encontrar entulhada devido ao assoreamento do rio e ficando mesmo submersa durante as maiores cheias, foi substituída por outra.



Na época de D. Manuel I foi mandada construir a nova ponte, que reutilizou alguns dos pilares da primitiva, alteando-os, aliás como subiu o seu tabuleiro. A ponte manuelina possuía uma singularidade especial, ou seja, do lado de Santa Clara formava-se uma pequena rotunda, por isso ficou conhecida pela ponte do O (ALARCÃO: 2012: 25). Nessa zona terá sido colocada uma cruz dedicada a S. Francisco, talvez ainda anteriormente à construção da rotunda, crucifixo removido no ano de 1568. Os trabalhos de edificação da ponte decorreram entre o ano de 1511 a 1513, sendo o projeto de Boitaca, ou de Mateus Fernandes, ou de ambos (Idem: 28). A data de conclusão da obra encontrava-se atestada por uma inscrição inscrita numa lápide, fixada numa torre existente na ponte manuelina no lado da Portagem.



Figura n.º 02 – Fotografia tirada para o lado de Santa Clara da ponte manuelina, onde é visível o conhecido O (extraído de ALARCÃO, 2012: 36)

De 1513 a 1873, manteve-se a ponte manuelina, com várias reparações e reconstruções, mas na última data encontrava-se já bastante deteriorada por causa das cheias, pelo que foi alterada por uma nova ponte em metal. A ponte metálica foi edificada entre julho de 1873 e abril de 1875, com base num projeto de Matias Cipriano Pereira Heitor de Macedo, tendo sido aberta ao público no dia 8 de maio de 1875 (Idem: 53). Em 1954, a ponte metálica viria a ser substituída pela ponte dos dias de hoje, a Ponte de Santa Clara com base num projeto dos engenheiros Edgar Cardoso e António Franco e Abreu.

A margem esquerda do Mondego, viveu durante muito tempo na esfera de um conjunto de estruturas conventuais instaladas a partir da época Medieval, nomeadamente o Convento de Sant'Ana, o Convento de Santa Clara-a-Velha e o Convento de S. Francisco da Ponte, entretanto abandonadas em resultado do assoreamento do Rio Mondego. Estes conventos foram transferidos por novos edifícios construídos em época Moderna em locais livres do assoreamento.

Na segunda metade do século XIX, houve um incremento significativo das principais indústrias da cidade de Coimbra (FERREIRA, 2012). Entre o final do século XIX e a 1.ª metade do século XX, a zona baixa de Santa Clara ganha um



cariz industrial com a instalação de um conjunto de unidades fabris, nomeadamente a fábrica de sabão, fábrica de massas alimentícias, duas fábricas de louça, fábrica de fiação e tecidos, fábrica de lanifícios.

Entre o final do século XIX e a 1.^a metade do século XX, o Rossio foi sucessivamente alteado e terraplanado com aterros de obras e entulhos das fábricas de louça. Nesta altura, surge também a instalação da iluminação pública a gás. Em 1913, foi construído um fontenário e bebedouro no Rossio, na década de 20 foi erguida a Praça de Touros e na década de 30 a escadaria entre o Rossio e a Estrada de Lisboa (LOUREIRO, 1964).

No século XX, regista-se a construção do Estádio Universitário e já no século XXI, a requalificação do Choupalinho, na margem esquerda do Mondego no âmbito do programa POLIS, atual Parque Verde do Mondego, e a transformação do antigo Convento de S. Francisco, no Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento de São Francisco.

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos arqueológicos decorreram no troço da Avenida de Conímbriga, que englobava duas artérias situadas na margem esquerda do Mondego, a supracitada avenida e a Rua Luís António Verney. A escavação ocorreu sempre em áreas estéreis do ponto de vista arqueológico.

Ao longo do lado Norte da Rua Luís António Verney foi escavada uma vala e zonas para caixas de tubagem elétrica. A vala teve uma extensão aproximada de 200m, por 40cm de largura e 80cm de profundidade. Revelou-se um subsolo bastante remexido devido à instalação de várias infraestruturas antigas.



Figura 03 e 04 – Abertura de valas na Rua Luís António Verney e Avenida de Conímbriga (respetivamente)



Na Avenida de Conímbriga foram escavadas duas valas distintas, também para colocação de tubagem elétrica, e ambas tiveram resultados infrutíferos a nível do património arqueológico. A primeira foi efetuada na zona de passeio, sentido Sudeste/Noroeste, do lado do rio, mais ou menos desde das imediações da Ponte de Santa Clara numa distância de aproximadamente 410m. Tinha 20 cm de largura e 40cm de profundidade. Esta vala foi efetuada por cima de um primitivo tubo de eletricidade. Foi ainda aberta uma vala mais junto ao paredão existente na margem do rio, das proximidades da Ponte de Santa Clara até à parte final das instalações dos SMTUC, numa extensão de cerca de 870m. A vala possuía uma largura e uma profundidade de cerca de 50cm, excetuando nos espaços da instalação dos candeeiros, local em que a abertura atingia 1m de fundura. A escavação foi efetuada num solo que não revela qualquer valor patrimonial, tendo sido efetuada em terreno vegetal anexo à área verde envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos no âmbito da empreitada de “Ciclovía de Coimbra: Coimbra B/ Vale das Flores / Portela”, nomeadamente na Avenida de Conímbriga e Rua Luís António Verney, pautaram-se pela observação e perceção das realidades estratigráficas decorrentes da abertura de valas para instalação de tubagem de eletricidade. A escavação foi realizada sobretudo em áreas revolvidas, na sequência da colocação de anteriores infraestruturas. Desta forma, conclui-se que os resultados aferidos foram estéreis do ponto de vista arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (1979). *As Origens de Coimbra. I Jornadas de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra. GAAC. 23-40.
- ALARCÃO, Jorge de, (1999). A Evolução Urbanística de Coimbra: das Origens a 1940. *Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra em 1996*. Nº especial de Cadernos de Geografia: 1-10.
- ALARCÃO (2008). *Coimbra: A montagem do cenário urbano*. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (2012). *As Pontes de Coimbra que se Afogaram no Rio*. Ordem dos Engenheiros. Coimbra.
- CARVALHO, A. Branquinho (1992). Algumas transformações em Santa Clara. *Munda - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: 15-20.
- CONCEIÇÃO, Santos (1952). Santa Clara através dos séculos. *Arquivo Coimbrão*. Vol. XI. Câmara Municipal de Coimbra.
- DEPARTAMENTO DE CULTURA (2008). *Novos Topónimos Coimbra 2002-2008*. Câmara Municipal de Coimbra.
- LOUREIRO, J.P. (1964). *Toponímia de Coimbra*. Vol. II. Coimbra.
- NUNES, Mário (2003). *Ruas de Coimbra*. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra.
- RODRIGUES, V. (2003). Coimbra: caracterização da margem esquerda. *Monumentos* n.º 18. DGEM. Lisboa.
- ROSSA, Walter (2001). *Diversidade urbanográfica do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Tese de Doutoramento apresentada ao departamento de Arquitetura da FCTUC. Coimbra. [Policopiado].